

O ESPELHO

Revista de litteratura, modas, industria e artes

DIRECTOR E REACTOR EM CHEFE, F. ELEUTERIO DE SOUSA.

IMMARIO.—A reforma pelo Jornal.—Romance, O testamento do Sr. Chauvelin.—A hospitalidade no Brasil (uma excursão por minas).—Os religios.—Não te zangues (Folhas soltas)—Sim, Não.—Rosa Branca, jornal de uma costureira.—Revista de teatros.—Poesias, Sonhos sonhar accordado, Preludios, V um poeta.—Chronica elegante e Noticias à mão.

A reforma pelo jornal.

Houve uma cousa que fez tremer as aristocracias, mais do que os movimentos populares; foi o jornal. Devia ser curioso vel-as, quando um século despertou ao clarão deste *fiat* humano; era a cupula do seu edificio que se desmoronava.

Com o jornal eram incompatíveis esses parasitas da humanidade, essas sofias individualidades de pergaminho alçado e leito de brasões. O jornal que tende à unidade humana, ao abraço communum, não era um inimigo vulgar, era uma barreira.. de papel, não, mas de intelligencias, de aspirações.

É facil prever um resultado favorável ao pensamento democratico. A imprensa que incarnava a idéa no livro, expendi eu em outra parte, sentia-se ainda assim presa por um obstáculo qualquer; sentia-se errada naquella esphera larga mas ainda não infinita; abrio pois uma repreza que a impedia, e lançou-se uma noite aquelle oceano ao novo leito aberto: o pergaminho será a atlântida submersa.

Por que não?

Todas as cousas estão em germen na palavra, diz um poeta oriental. Não é assim? o verbo é a origem de todas as reformas.

Os hebreus, narrando a lenda do Genesis, dão à criação da luz a precedencia da palavra de Deus. E' palpitante o symbolo. O *fiat* repetiu-se em todos os cahos, e, cousa admiravel! sempre nascem delle alguma luz.

A historia é a chronica da palavra. Moysés no deserto, Demosthenes, nas guerras hellenicas, Christo, nas synagogas da Galiléa, Huss, no

pulpito christão, Mirabeau, na tribuna republicana, todas essas bocas eloquentes, todas essas cabeças salientes do passado, não são senão o *fiat* multiplicado, levantado em todas as confusões da humanidade. A historia, não é um simples quadro de acontecimentos; é mais, é o verbo feito livro.

Ora pois, a palavra, esse dom divino que fez do homem, simples materia organizada, um ente superior na creação, a palavra foi sempre uma reforma. Fallada na tribuna é prodigiosa, é creadora, mas é o monologo; escripta no livro, é ainda creadora, é ainda prodigiosa, mas é ainda o monologo; esculpida no jornal, é prodigiosa e creadora, mas não é o monologo, é a discussão.

E o que é a discussão? A sentença de morte de todo o *statu quo*, de todos os falsos principios dominantes. Desde que uma cousa é trazida á discussão, não tem legitimidade evidente, e nesse caso o choque da argumentação é uma probabilidade de queda.

Ora a discussão que é a feição mais especial, o cunho mais vivo do jornal é o que não convém exactamente á organisação desigual e sinuosa da sociedade.

Examinemos.

A primeira propriedade do jornal é a reprodução amindada, e o derramamento facil em todos os membros do corpo social. Assim, o operario que se retira ao lar, fatigado pelo labor quotidiano, vai la encontrar ao lado do pão do corpo, aquelle pão do espírito, hostia social da communhão publica. A propaganda assim é facil; a discussão do jornal, reproduz-se tambem naquelle espírito rude, com a diferença que vai la achar o terreno preparado. A alma torturada da individualidade insíma, recebe, aceita, absorve sem labor, sem obstáculo aquellas impressões, aquella argumentação de principios, aquella arguição de factos. Depois uma reflexão, depois um braço que se ergue, um palacio que

se invade, um sistema que cai, um princípio que se levanta, uma reforma que se coroa.

Malevola faculdade—a palavra!

Será ou não o escolho das aristocracias modernas, este novo molde do pensamento e do verbo?

Eu o creio de coração. Gracas a Deus, se há alguma cousa a esperar é das intelligencias proletarias, das classes infimas; das superiores, não.

As aristocracias dissolvem-se, diz um clouquente irmão d'armas. E é verdade. A acção democrática parece reagir sobre as castas que se levantam no primeiro plano social. Os próprios brasões já se humanisam mais, e alguns jogam na praça sem notarem que começam a confundir-se com as caçacas do agiotá.

Causa riso.

Tremem pois, tremem com este invento que parece querer abranger os séculos — e rasgar desde já um horizonte largo às aspirações civicas, às intelligencias populares.

E se quizessem suprimi-lo? Não seria mau para elles; o fechamento da imprensa, e a supressão da sua liberdade, é a base actual do primeiro tirano da Europa.

Mas como! cortar as asas da aguia que se lanza no infinito, seria uma tarefa absurda, e, desculpem a expressão, um commetimento parvo. Os pergaminhos já não são asas de Icaro. Mudaram as scenas; o talento tem asas proprias para voar; senso bastante para ajuizar as culpas aristocraticas e as probidades civicas.

Procedem estas idéias entre nós? Parece que sim. E verdade que o jornal aqui não está ainda na altura de sua missão; pesa-lhe ainda o ultimo elo. Às vezes leva a exigencia até à letra maiuscula de um título de fidalgo.

Carlesania fina, em abono da verdade!

Mas, não importa! eu não creio no destino individual, mas accepto o destino collectivo da humanidade. Ha um polo atraente e phases a atravessar. — Campre vencer o caminho a todo o custo; no fim há sempre uma tenda para descansar, e uma relva para dormir.

H—ns.

O TESTAMENTO DO SR. CHAUVELIN

ROMANCE

DE

ALEXANDRE DUMAS.

III.

A CARTA.

(Continuado do n.º 7.)

Como é que M. Villenave tinha reunido aquella bella bibliotheca?

Como tinha feito aquella colleccão d'autographos, unica no mundo dos colecccionistas?

Com o trabalho de toda a sua vida.

Primeiro que tudo, M. Villenave nunca tinha queimado um papel, nem rasgado uma carta.

Convocações para as sociedades scientificas, convites de casamentos, cartas de enterro, tudo guardara, coordenara e pozera em um lugar proprio.

Possuia uma colleccão de cada cousa, até dos volumes que em 14 de Julho tinham sido arrancados mato-queimados ao fogo que os devorava no pateo da Bastilha.

Dous busca-autographos eram constantemente empregados por M. Villenave: um era um certo Fontaine que eu conheci, autor tambem de um livro intitulado *Manual dos autographos*; o outro era empregado do ministerio da guerra. Todos os especieiros de Paris conheciam estes dois infatigáveis visitantes, e lhes guardavam todos os papeis que compravam. Entre estes papeis faziam uma escolha que lhes custava a elles quinze soldos a libra, e a M. Villenave trinta soldos.

A's vezes M. Villenave em pessoa fazia seu giro. Não havia especieiro em Paris que o não conhecesse, e, assim que o visse, não reunisse para submeter á sua sabia investigação os saccos futuros.

Não é preciso dizer que os dias que elle sahia para os autographos, sahia tambem para os livros; então o infatigável bibliophilo seguia a liinha do caes, onde, com as duas mãos enfiadas nos bolsos das calças, o alto corpo inclinado, e a bella cabeça inteligente allumiada pelo desejo, penetrava o olhar ardente no mais profundo das prateleiras, onde ia descencavar o tesouro desconhecido, folheando-o por alguns instantes; quando o livro era o que elle ambicionava, quando a edição era a que elle procurava, o livro deixava a loja do belchior, não para ir tomar lugar na bibliotheca de M. Villenave: lá já não havia lugar e á muito tempo; era preciso que uma troca com os desenhos ou com os autographos, creasse esse lugar ausente naquelle mo-

mento; não, o livro ia tomar logar no celleiro, dividido em tres compartimentos: o dos em oitavo à esquerda, o dos em quarto á direita, e o dos in-folio no mei.

Lá estava o cahos donde M. Villenave devia um dia fazer surgir um novo mundo; alguma Australia ou alguma Nova-Zelandia.

Entretanto estavam no chão uns por cima dos outros, jazendo em uma semi-escuridão.

Este celleiro era o limbo, onde estavam encerradas as almas, que Deus não manda nem para o céo nem para o inferno, por que tem seus projectos sobre ellas.

Um dia a pobre casa, sem motivo apparente, estremeceu até os alicerces, deu um grito e abriu diversas fendas; os habitantes espavoridos, pensaram que era um terremoto, e correram para o jardim.

Tudo estava tranquillo no ar e na terra; o chafariz continuava a correr no canto da rua; um passaro cantava no mais alto galho da arvore mais alta.

O accidente era parcial: vinha de uma causa secreta, incognita.

Mandou-se chamar o architecto.

O architecto examinou a casa, sondou e interrogou-a, e terminou declarando que o accidente não podia vir senão de um excesso de peso.

Por consequencia pedio para visitar os celleiros.

Mas apenas formulou este pedido, sofreu uma viva oposição da parte de M. Villenave.

Donde provinha esta oposição, que afinal teve de ceder á firmeza do architecto?

E que M. Villenave sentia que seu thesouro enterrado, tanto mais precioso quanto lhe era desconhecido a elle proprio, corria grande perigo nesta visita

Com efecto, só na camara do meio acharam-se mil e duzentos in-folios pesando cerca de oito mil libras.

Ah! esses mil e duzentos in-folios, que tinham feito a casa pender, e ameaçavam desabala-la, foi necessario vendel-os.

Esta dolorosa operação teve logar em 1822. E em 1826, quando eu conheci M. de Villenave, elle ainda não estava curado desta dor, e mais de um suspiro, cuja causa é sim a familia ignorava, ia ter com aquelles queridos in-folios, reunidos por elle com tanto trabalho, e agora, como filhos banidos do tecto paterno, errantes, orfãos e espalhados sobre a terra.

Já disse quanto me fôra agradavel, boa e hospitalaria a casa da rua de Vaugirard, da parte de Mme. Villenave, porque era naturalmente afectuosa; da parte de Mme. Waldor, porque como poeta amava os poetas; da parte de

Theodoro Villenave, por que eramos ambos da mesma idade, dessa idade em que a gente tem necessidade de dar uma parte do seu coração e receber outra parte do coração dos outros.

Emfini da parte de M. de Villenave, porque sem ser um amador de autographos, eu possuia contudo, graças á pasta militar de meu pai, uma collecção de autographos bem curiosa.

Com efecto tendo meu pai ocupado, de 1791 a 1800, elevados postos no exercito, tendo sido tres vezes general em chefe, tinha-se achado em correspondencia com tudo o que tinha representado um papel de 1791 a 1800.

Os autographos mais curiosos desta correspondencia eram os do general Buonaparte. Napoleão não conservou muito tempo este prenome italianizado. Tres mezes depois do 13 vendemiaro elle afranceza o nome e assina Bonaparte. Ora, meu pai tinha recebido neste periodo cinco ou seis cartas do joven general do interior. Fôra este o titulo que Napoleão tomara depois do 13 vendemiaro.

Dei a M. Villenave um destes autographos, flanqueado de um autographo de Saint-Georges, e outro de Richelieu; e graças a este sacrificio, que era um prazer para mim, tirei minha entrada no segundo andar.

Pouco a pouco fui-me tornando assaz familiar na casa para que Francisca não me anunciasse mais a M. Villenave; já subia só ao segundo andar. Balia á porta; abria assim que ouvia a palavra: Entre! e quasi sempre era bem recebido.

Digo quasi sempre porque as paixões tentam horas de tempestade. Imaginai um amador de autographos, que esteve a chocar uma assignatura preciosa, uma assignatura no genero das de Robespierre, que não deixou mais que tres ou quatro; de Molière que não deixou mais que uma ou duas; de Shakespeare, que, segundo creio, não deixou nenhuma: pois bem! no momento de pôr a mão sobre esta assignatura unica ou quasi unica, esta assignatura escapa ao nosso collectionista: eis-o naturalmente desesperado!

Entraí-lhe em casa n'um momento d' estes; fosseis seu pai, fosseis seu irmão, fosseis um anjo, e verieis como havieis de ser recebido; a menos que esse anjo, por seu poder divino, faça viver, ou desdobre essa assignatura unica.

Eis os casos excepcionais em que eu seria mal recebido em casa de M. Villenave. Em qualquer outra occasião estava certo de achar um semblante gracioso, um espirito facil, e uma memoria complacente, mesmo durante a semana.

Digo durante a semana, porque o domingo era consagrado, em casa de M. Villenave, as visitas scientificas.

Tudo o que havia de bibliophilos estrangeiros, amadores de autographos cosmopolitas, que vinham a Paris, não voltavam sem fazer uma visita a M. Villenave ; como os vassallos vão render homenagem ao seu suzerano.

(Continua.)

A hospitalidade no Brasil.

(Impressões de uma viagem a Minas.)

IV.

A narração sem dúvida parecia interessante ao capitão, pois dava mostras de não perder uma palavra.

O acólito sim, singria uma compunção jesuítica, que não me escapou, apesar da minha inexperiência do mundo.

Creio já ter dito que a família do fazendeiro nunca aparece ao viajante : e é justo. Quem sabe lá se hospeda um homem honesto ou um troca-tintas ?

Assim, esta reserva tão geralmente censurada merece da nossa parte plena approvação.

Mas, ou fosse mera curiosidade, alias muito natural, ou soasse lá por dentro que os viajantes eram três meninos — por força o José havia de exagerar — o caso é que em quanto eu fallava sentia do lado do corredor o ruído que fazem diversas pessoas ocellas, quando querem ouvir sem serem vistas, e algum mais imprudente tem uma maldita vontade de rir, que faz o desespero do mais alerto.

Este ruído parecia approximar-se da sala ; e depois de uma especie de contestação, donde me pareceu ouvir distintamente estas palavras : — pois espia vossé, Antônico : um sâo-benedictosinho de tres a quatro annos, em fraldas de uma camiza, cuja cor não se differenceava muito da do chão, sahio engatinhando da porta do corredor, e depois de olhar para os diversos personagens que estavam em scena, recolheu-se aos bastidores sem fazer o minimo estrepito.

O orador, que tinha todos pendentes dos seus labios, inclusive os companheiros, como por inspiração guardou-se bem de olhar para o lado do corredor.

Com effeito o seu olhar altrahiria immediatamente para alli mais quatro olhares, e a consequencia seria que os curiosos, como passarinhos sorprehendidos a furtar arroz por debaixo da porta do pailo, voariam para dentro, e o que é mais ainda, o capitão levantar-se-ia e a porta do corredor, girando sobre as dobradiças, traria-me logo à memoria a quella palavras desesperadoras que todos sabem mesmo sem ter lido Dante : *lasciatomi ogni speranza* !

Ora era isto que eu fôrcei a mim dum tanto

sudava já pela fronte em callidas bagas de suor, apesar do frio que fazia.

Não durou muito a minha anciadade.

O pequeno espião dera sem duvida uma relação exacta das posições das personagens.

O Sr. Lopes (era assim que todos o chamavam) que era talvez o que fôrba observado com maior cuidado, estava exactamente de costas para o lado do corredor : o capitão, que apesar do esmero com que ouvia, não deixava, em qualidade de perfeito fumante, apagar seu cigarro de palha, das dimensões de um charuto *havaneiro*, dava o flanco esquerdo para a porta : o orador, sem estar defronte, pois que a porta era contígua à parede lateral esquerda, e elle estava muito à direita encostado à parede exterior, era comitudo o que podia ver tudo sem mover a cabeça.

De repente uma gargalhada quasi simultanea partiu dos labios do attento auditorio.

Quando cahiu em mim já era tarde ; tinha dito uma meia duzia de disparates, segundo depois me conteu meu mano : este por exemplo :

— A propósito, não atalhando... disse o Sr. Lopes, os meninos devem estar com uma fome canina ? ..

— Oh ! como é linda ! respondêra eu.

— Sim, ha de ser bonita, desenbuchara em mim o capitão.

— Mas apesar de achal-a tão linda, Deus o livre que o Sr. capitão o casasse com ella, que diz, hein ? .. tornou o Sr. Lopes.

— Oh ! se elle consentisse ! ..

— Patrãozinho, oic que cõ comida não se brinca .. disse o feitor, um pouco atemorizado com a idéa de passar sem cêa.

Ao estrondo das risadas que o seu ar assustado despertara, eu perguntara : O que é, o que é ? Felizmente, até o proprio Sr. Lopes interpretara a minha perturbação pela vivacidade com que eu contava a nossa historia e não lhe atinon com o verdadeiro motivo.

Sabeis o que era ? ainda hoje a tenho na memoria. Imaginai um retrato de Rafael animado, vivificado por um sopro divino ; o seu rosto não vos dará idéa do rosto que se destacara do portal, e se conservará por alguns minutos a olhar para os estrangeiros ; que cabellos louros, que boca, que collo, que bellos olhos !

Mas, dois minutos depois tudo desaparecera. A visão evaporeu-se : o riso cessou.

Depois de pequena pausa :

— Mas quem é vosso pai, que vós procurais ? disse o Sr. Lopes, querendo inculcar que tivera suas lambugens de Telemaco.

— Nosso pai é T. C. de Sousa.

O estalar de um raio não produziria maior effeito do que a simples enunciaciação desse nome naquella casa.

O capitão deixou cair o cigarro, e olhou para a parede onde estavam as fôveas: o Sr. Lopes levantou-se como um boneco de molas, e começou a passear, passando a mão pela calva.

O capitão olhando para a porta e vendo um moleque a espiar, bradou-lhe com uma voz de ostentor, em que se manifestava toda a sua colera:

— Sahe p'ra dentro, moleque!... Sr. Lopes, faça favor...

E os dois entraram para o corredor, deixando-nos petrificados na sala.

B.

(Cont.)

Os relogios.

A data da invenção dos relogios ou cronometros de algibeira ainda é hoje desconhecida. A opinião mais em voga a faz descer ao século XV.

Em 1380 a Carlos V foi oferecido um que não era maior do que uma amendoa.

Em 1500 já fabricavam-se em Nuremberg alguns que não eram maiores do que um ovo, tendo mesmo por esse motivo a denominação de ovos de Nuremberg.

Em 1542 o duque de Urbino, Ubaldo Rovera, foi presenteado com um pequeno relojio engastado em um anel.

Henrique VIII, de Inglaterra, possuia um que trabalhava por oito dias sem necessitar de corda. Não padece dúvida que a relojoaria já naquelle tempo produzia essas raridades; o que porem deve-se presumir é, que muito irregulares deviam ser aquelles relogios em consequencia da falta da espiral, mais tarde inventada por Huyghens.

Os relogios do XVI seculo são quasi todos de caixa de ouro esmaltado, com mostrador de cobre dourado assente sobre o fundo de prata em forma de uma roda.

No reinado dos Valois havia-os de todos os tamanhos, uns achados e outros de forma oval. Alguns tinham a forma de uma cruz de Malta.

Os relogios mais usados pela classe media e pelos operarios eram de cobre mui espesso e quasi esphericos. Desta forma ainda se viam alguns relogios nos primeiros tempos do reinado de Luiz XIV. Que diferença não ha entre esses instrumentos pesados e tão faltos de elegancia e os nossos relogios modernos tão simples e ao mesmo tempo elegantes, precisos e solidos! Mas para chegar-se a esta perfeição quanto trabalho, quantas invenções e quanta habilidade!

A descoberta do isochronismo com as oscilações do pendulo por Galileo serviu de ponto de

partida para o progresso da relojoaria. Huyghens secundou a applicação. Lembrou-se de adaptar uma lamina delgada à peça de escapamento dos relogios fixos e fez a mola spiral como motora dos instrumentos destinados a serem transportados. Deve-se-lhe tambem a descoberta dos relogios nauticos que servem a bordo dos navios.

O primeiro relojio de repelição foi inventado em Inglaterra em 1676 por Burlow. Carlos II fez presente de um a Luiz XIV.

O conhecimento desta arte, na qual os suíssos davam avantajar-se, foi introduzido em Genova em 1587 por um frances, Carlos Cuzin d'Autan.

A Inglaterra e a Suissa fabricavam no XVII seculo os relogios mais estimados. A Inglaterra seguia-se a Alemanha, a Hollanda e depois a França, que só no seculo XVIII conseguiu rivalizar com aquella primeira nação, á qual já hoje excede.

Vers.

Não te zangues!

(Folha solta.)

Quando ao calor do fogo das paixões meu coração de quinze annos despertou-se voluptuoso e timido no mimo leito do sonno da innocencia;

Quando ao acordar-me — homem — queimaram-se-me os olhos na luz de uns olhos verde-garçons de donzella pallida, eu fiz uns versos! — Foram elles uns longes de poesia mystica, como os canticos de um'alma crente que scisma venturas d'alem dos céos!...

E fiz uns versos; mas uns versos de donzella que se perturba com a lembrança dos sonhos que sonhou... talvez de beijos!

E de facto, eu era, meu Deus, muito innocenté ainda! Minha alma — longe das fezes da descrença — dormia, sonhando — leda, infantil — as fagueiras illusões da vida.

A sombra doce das brancas azas dos amores, eu cantava o que sentia, cantava amores!!

O tempo passou, passou depressa: e ellat aí era uma perdida... trahiu-me...

Um dia, na flamma de meu candeeiro queimei tudo, tudo o que havia escrito nos meus dias de mancebo... não! no fundo de minha carteira ainda restava um papel! Fôra elle consagrado a minha māi!

Era um canto — A saudade — que na ausencia della ensinára-me — saudoso — o coração! Por sua vez tambem foi queimado: não pelas chamas violentas, mas pelo calor de meus labios incendiados n'un mortal delírio!...

Desde então, cantei, cantei muito! mas foram uns cantos tão puros... tão innocentes como, talvez, os que se cantam nos céos!

Hoje, que minhas dores se acabaram; hoje, que não

tenho fogo no coração tão forte que m'o ressegue, se uns olhos de virgem pallida se fitam em mim com essa languidez voluptuosa com que nos seduz e mata, eu lhe respondo apenas com estas palavras: — Mulher, já não posso amar-te!

1859.

*Ladislau Netto.***Sim Não.**

Sim é uma palavra divina.

Sim é o som harmonioso, que saí dos lábios da mulher que se ama, é a expressão minosa da criança, quando lhe pedimos um beijo; é um monosyllabo encantador.

Sim é o *sí* para aquelle que pede e supplica, é a voz do anjo, que concede uma graça, que enxuga uma lágrima, que livra um condenado.

Sim é a palavra ouvida com entusiasmo pelo homem que ama, pelo desgraçado que chora, pelo infeliz que gera.

Sim é o monosyllabo dos anjos, é a expressão querida de Deus.

Sim é uma palavra do coração, é um hymno de graças, é uma oração resumida, é a luz do condenado, é a esperança do pobre.

Sim é a palavra das noivas junto do altar, é um monosyllabo do céo; é a expressão escrita por Deus.

Não — foi a primeira expressão inventada por Belzebuth.

Não é a palavra do egoísta, é a resposta do inão, é a linguagem do avarento.

Não é a condenação daquille que pede, é o castigo do desgraçado, é a sentença do infeliz, é a maldição do amor.

Não é a estatua de Saïs, que desmaiá aos que a encaram, é o vento São das desertos da África, que sufoca e queima, é o gelo dos pollos, que petrifica e mata.

Não é um synonymo de maldição.

Não é o monosyllabo, que mata o amante, que desespera o infeliz; é a algema do condenado.

O Padre Vigira diz: « Por mais que confiteis, um não sempre amarga, por mais que o infeliz sempre é feio, por mais que o dourado sempre é de ferro. »

Não é uma expressão que os anjos ignoram, é o sopro do inferno, que apaga a luz da esperança, é o despacho do algoz, é a palavra favorita dos Sátanos e Caligulas.

Não é a oposição da suplicia, é a resposta de aquelle que não sabe enxugar uma lagrima, que amaldiçoa a desgraça, que não atende aos gemidos.

Não é a palavra do descrente; foi a resposta que Colombo recebeu de muitos soberanos, quando lhes foi pedir navios para ir descobrir um mundo novo.

Sim é a imagem do perdão, da felicidade, é a alegria de bonança, é a consolação da supplicia, é a

da bondade, é a lampada de Aladino; não é o reverso da medalha, é a noite do condenado, é a nuvem da desgraça, é a morte da petição.

*M. de Azevedo.***Rosa branca.****Jornal de uma costureira.**

(Fragmento.)

§

Eu tenho uma roseira branca junto à jancilla do solão em que habito.

Quando minhas faces eram rosadas, quando nellas pareciam desabrochar essas flores rubicundas ao brilho de uns olhos audazes, eu amava as rosas encarnadas.

Mas depois que vi meu semblante empalidecido e descoradas as minhas faces, comecei a amar a rosa branca.

Por isso era meu primeiro cuidado de manhã regar a minha roseira... Ah! quantas vezes não tem ella sido orvalhada pelas minhas lagrimas!...

Isto acontecia quando por entre suas folhas verdes eu descobria algum botão. No entanto eu devéra amar os botões de rosa mas depois que deixei de ser casta e inocente, como deve ser inocente e casto o botão da flor, acrei mais as rosas abertas. Estas assemelham-se mais a mim.

Porque eu sou uma flor descorada e murcha que o verdadeiro de um sentimento ardente e apaixonado crestou na primeira manhã da vida.

A minha existencia é a historia de uma flor: eu vou contá-la.

§

Como essas flores que, sem os cuidados de zeloso jardinero, crescem nos ermos da servania ao capricho da aragem que a inclina, e guiadas pelo raio de sol que mais tarde lhes brade er, star as folhas, aos quinze annos achei-me no mundo sem pai que me guiasse, sem ter um seio de mãe onde me fosse refugiar dos perigos da vida.

Por intermedio de uma camarada de infancia fui recebida como costureira em casa de uma modista, onde placidos e serenos correram-me os primeiros meses do abandono social em que me tinha deixado a falta de meus pais.

Com o modesto lucro de um trabalho constante eu via a existencia passar descuriosa e desapercebida. Tinha abrigado este setão, onde me recolhia á noite para dormir. Aqui, solitaria e contente, eu adormecia sem medo porque antes de dormir-me rezava por meu pai e por minha mãe. Eu era alegre; era quasi feliz.

Uma noite, e é isto depois de um longo dia de trabalho,

que pela fresta da janella, que se tinha entreaberto, metrava um limpido raio da lua.

Eu amava muito as noites de luar!

Levantei-me, abri a janella, e ahi deixei-me ficar deitada, mirando a lua tão branca, e o céo que parecia um extenso lençol de seda azul.

Não me lembro em que pensava, nem sei mesmo se o fiz... Eu me julgava tão feliz!

Tão pouco não sei o tempo que aí permaneci, porque só d'pois que cheguei, comecei a ouvir o som de uma flauta, não muito longe, mas distante suficientemente para que podesse avaliar-lhe o encanto todo.

O que tocava não sei; mas era uma musica tão melancólica, tão suave, que a pouco e pouco senti-me enternecer, e... parecia-me que chorei!...

Julgava ainda estar ouvindo-a! Ah! sim; nunca consegui querer essa musica queixosa que parecia traduzir os doços pungentes de uma alma em cujo seio se haviam despedacado as esperanças derradeiras da existência; e mesmo a última queixa de uma crença descorada e perdida que o peito arquejante solejava morrendo...

Era já muito tarde, supponho, quando me recolhi. A cama tinha calado as suas querellas.

Noite seguiate não esperei que o raio da lua me desse convidar a respirar o ar frio da noite; logo que chegou aqui, corri para a janella. A flauta não se fez também esperar muito tempo: a mesma musica, mais suave, penetrou-me nos seios da alma; depois desapareceu; e uma voz grave, porém sonora, um pouco quinhada, mas cheia de uma certa docura e não se desentida, substituiu aquella musica melancólica. Finalmente, tudo voltou ao silencio; mas eu ouvia sempre, e d'ntro de mim repetia esse canto que tinha da ferlura de uma canção materna e toda a religião dos canticos sagrados.

Um incidente fez-me voltar a cabeça, arrancando-me esse como que extasi em que me submergia. Tinham aberto a janella de um sotão que pouco distava do meu, ao clarão da vela que ardia sobre uma mesa destingui um homem que parecia olhar-me. Tinha elle uma flauta na mão, o que me fez conhecer o autor das melodias de tamanha docura entornavam-me na alma.

O moço pareceu surprehendido de ver-me, cortejou-me polidamente, e retirou-se fechando sua janella. Nessa noite não ouvi mais o som da flauta.

Mas em vez de retirar-me também, deixei-me ficar, ensando e perguntando-me que dor tamanha seria quella que a esse moço inspirava tão tristes canticos. Era verdadeiro esse sofrimento que sua flauta gemia? Via apenas uma impressão dessas que produzem as noites de luar nas almas de natureza entristecida? E por isso perguntava-me ainda qual era o interesse que me dava a essas tristezas, dores sentidas no peito, ou pa-

sias de imaginação; e debalde queria varrer esses cuidados do pensamento; não podia!

Alli mesmo adormeci; e, quando pela manhã um raio de sol inundou-me o rosto, acordei sobressaltada; quiz erguer-me, mas a cabeça pesava-me, e o corpo doía-me. Reuni minhas forças e consegui caminhar até o espelho: minha face era livida, meus olhos rodeavam-se de um circulo roxeado, e meus labios pallidos estremeceram em um gemido,

Eu estava doente.

Deitei-me, e em pouco consegui dormir. Quando acordei eram tres horas da tarde; achava-me boa, mas a hora lá muito adiantada para que me apresentasse na loja. Resolvi não ir. Vesti-me, penteei-me... para que?

Tremendo abri a janella; porque tremia? E porque chorei quando encontrei na do meu vizinho o seu semblante melancólico feito em mim?

Elle cortejou-me; retribui-lhe confusa, e quiz fugir; mas senti-me presa áquelle lugar, e... a noite veio encontrar-me ainda ahi reclinada; e tambem na janella proxima encontrou o meu vizinho.

Na seguinte manhã levantei-me cedo, mas não senti-me mais despertada pelo desejo do trabalho, por isso fiquei em casa. A mulher que me servia trouxe-me o almoço, depois o jantar, nos quais apenas toquei. Não me sentia com necessidade de alimento.

Mas durante o dia inteiro a janella fronteira conservava-se fechada, e à noite debalde a placida mudez e o limpido luar convidavam ás scissuras do coração o melancólico cantor das noites precedentes.

Sem saber porque fiquei triste; depois acreditei que o meu vizinho me havia comprehendido e que fugia de mim. E porque? Eu era feia?

Pela primeira vez fui vaidosa defrente de meu espelho: elle me dizia que eu era linda, que meus cabellos eram anelados, longos e pretos; que os meus olhos eram melancólicos, embora animados então de febril lampejo; minhas faces eram rosadas e meus labios riam fagaceiros e aveludados mostrando perolas nos meus dentes esmaltados.

Ri-me da minha duvida, e depois chorei, sem saber porque chorava.

Depois lembrei-me de meu pai e de minha boa mãe, rezei as minhas orações, e adormeci.

Quando acordei na manhã seguinte achava-me mais consolada, porém triste ainda.

Reflecti que não poderia continuar a ficar em casa, e que me era necessário ir á loja. E, demais, que valia ficar? O meu vizinho não tinha cessado o seu canto e a sua musica depois que me vira escutando-o? Não conservava fechada a sua janella quando sabia que eu ficaria uma tarde inteira e quasi toda a noite a olhal-a? dirigi-me, pois, para a loja; mas durante todo o dia persegui-me a lembrança d'elle, e conservei-me triste e sem par-

tifhar das alegres conversações de minhas companheiras

A noite, quando cheguei em minha casa, ouvi de novo, e não sem contentamento (para que negar?), os sons quefiosos da franta, e desta vez mais perto e mais distintos.

Passou-me no pensamento uma idéa de vingança. Quiz deixar de ir ouvir-o da minha janelha e conservá-la fechada como elle tinha feito á sua no dia antecedente.

Quiz, mas sem saber como, sem sentir-o, abri-a e estremeci de alegria vendo o meu vizinho, que calou-se apena me viu também.

Mas porque cessou elle essa musica que eu gostava de ouvir?

Permanecemos assim silenciosos e mudos por muito tempo, até que a lua escondeu-se. Era já muito tarde. Quando me deitei, estava tão contente!

Como essa noite muitas seguiram-se, até que um dia...

Era um domingo á tarde. Como de costume achavamo-nos em nossas janelas, olhando-nos e sorrindo-nos (nós nos sorriamos), depois de nos havermos singelamente cumprimentado.

A aragem começou a soprar cada vez mais forte, e tão forte que um lenço escapando-se da mão *delle*, veio rolando parar junto de mim. Apanhei-o, e mostrei-lh-o.

Então elle saltando lestamente para o telhado, dirigiu-se a mim, e quando o recebeu tremia, e sua voz mal podia balbuciar um agradecimento.

Quanto anim, nem mesmo ousava responder-lhe.

Ficámos assim alguns momentos; depois elle sentou-se, talvez, eu acreditô, curvado ao peso do mesmo sentimento que lhe tremia na voz.

Eu não tinha medo. Sorri-me e elle riu-se também; em seguida nos falamos, e desse dia em diante ficámos amigos.

Amigos, sim, porque embora desse dia em diante vivessemos em íntima união, nunca falamos de amor; sórviâmos gestos a felicidade com que esse sentimento alindava a intimidade de nossas almas, aceitavamola como ella nos vinha, sem indagarmos de sua origem. E para que? nós nos comprehendíam tanto...

Tres mezes passaram-se assim: quando eu chegava à noite já o encontrava esperando-me, sentado junto a minha janelha. Ali ficávamos parte da noite quando havia luar; e quando as noites eram escuras elle saltava para o meu quarto, e em quanto eu me entregava ao meu sono, no trabalho que trazia da loja, elle lia romances que sabia escolher; outras vezes ajudava-me no meu serviço com graça quasi infantil, até que a hora de separarmo-nos chegasse. Então beijava-me na fronte e retirava-se deixando-me saudosa, mas contente e feliz.

Ahi! que essa felicidade era muito grande para que pudesse, sem transbordar, cointer-se no coração; ou eu não tinha soffrido ainda bastante para que eu fosse doida.

gosal-a! Por isso quando presenti que ella se esvalia, quando a vi desfazer-se como a nuvem dourada que o ultimo raio de sol, fugindo, muda em véu de luto nas sombras da tarde, senti que meu coração preparava-se para morrer-me no peito. Ao menos, porém, restava-me uma consolação: é a lembrança do sonho feliz que tive na vida.

V. C.

(Continua.)

Revista de theatros.

SUMMARIO: — LYRICO. Academia Vocal e Instrumental. — GYMNASIO: — Beneficio do Sr. — Militão. S. PEDRO: — *Sinão ou o velho cabo de esquadra*.

A sala do Lirico deu ao publico, na quinta feira, um magnifico serão artístico. Foi a *Academia vocal e instrumental*, em beneficio de Paul Julien.

Lá estive no posto oficial que me confere o cargo de cronista, e pude embeber-me, como todos, em um mare magnus de emoções novas.

Nos camarotes se debruçavam cabeças mais ou menos elegantes, collos mais ou menos seductores. Param ali as minhas observações. Podia ficar á porta da saída assim de apreciar mais de perto essas *cousas*, mas eu tenho pouco gosto para escudeiro de corredor, confessou.

Não havia enchente, mas, disse-me um latinista, amigo meu, que lá estava também, não se podia aplicar o — *rariantes in gurgite vasto*.

O som do apito ergueu-se o panno.

Paulo Julien é um prodigo.

As cordas do violino perderam a sua qualidade physisca; uma mão prodigiosa dava-lhes espiritualidade: não tocavam, fallavam!

Execução facil, valente, expressiva; prodigioso nas ligaduras, miraculoso nos *stacatos* o arco de Paulo Julien é uma das mais bellas eloquencias musicas ouvida no mundo da arte.

Nunca pensei que a lingua musical se prestasse a essas combinações admiraveis, a essa execução magnifica na expressão mais legitima do vocabulo.

Paulo Julien prende, fascina, arrasta; levantâ as almas em um turbilhão de harmonias languidas ou energicas; conversa com ellas nesse estado magnético que se não define, mas que se sente, que se abraça voluntariamente.

E' um prodigo, repito.

As dificuldades em suas mãos tornaram-se de vidro: aniquilou-as com a acção daquella vara de condão que uniu manejar tão habil. Ensurdecer o instrumento

tozer o *Spericato* com a mão esquerda, tocar em tres cordas ao mesmo tempo, esses manejos de mão delicada, lindos, com maestria e precisão.

As variações de *Mayseder* em uma só corda, assim como a fantasia sobre a *Filha do Regimento*, foram apreendidos com furor. Ali é que o seu talento se desenrolou mais largo.

Não entro em mais considerações, profano como sou, e simples amador são as que expõndi.

O que digo, como um fecho, é que dessas noites não temos tido muitas. O charlatanismo nos tem muitas vezes embaldo, e nós pobres cidadãos inexperientes, cábhamos como patinhos.

O concerto não foi tão completo como o anuncio. A esperava. Depois do violinista foram aplaudidas as Sras. Medori, e De-Lagrange.

Não farei aqui paralelo sobre os talentos tão diversos dessas duas senhoras. Não sou *Vieirinha de camarim*, para insensar vaidades, e sancionar na imprensa caprichos de entidades parasitas. Arecio a virilidade energica, mas seca do talento da Sra. Medori; assim como a facilidade melodiosa e explendida da Sra. De Lagrange. Para aquilatar, porém, a largura desses dous talentos, só loucura negar a reputação europea desta ultima, reputação que tão alta não tem formado a Sra. Medori.

Contra esta enunciação não protestou o publico na noite de quinta feira, que a aplaudiu freneticamente, clamando-a por vezes á scena a despeito da platéa que parecia ter sermão encommendado. Os lenços que se agitavam e as palmas que soavam estrepitosamente denunciaram bem alto uma adhesão franca da nossa sociedade à talentosa artista.

A Sra. Medori cantou bem a aria de *Nabucodonosor*. A musica é de Verdi e por conseguinte entrava a Sra. Medori no seu genero. Todos conhecem esse pedaço magnifico em que uma mistura de ternura e energia, de paixão e denodo parece fazer fallar todas as fibras da alma. Scudo pronuncia-se contra a revolução de Verdi, eu não; aceito e appludo-a.

A Sra. De-Lagrange em sua aria foi admirável, não são notas que aquella garganta solta, são ondas de melodia, doidas, e languidas, que estremecem, que saltam, que se curvam, e que se embebem afinal nas almas absortas e prostradas.

Desculpem o lyrismo.

Saihi deveras satisfeito do concerto.

No Gymnasio tem se dado as *Mulheres terríveis*, linda comedia de que já falei. Foi expendido o meu juizo acerca e nadi tenho a accrescentar. A Sra. Velluti continua na mesma altura a que se elevou no seu difficilissimo papel.

A Sra. de Ris e a Sra. Chitelur, são dous escolhos de salão; é difícil não tropeçar nallas.

Foi esta comedia em beneficio do Sr. Militão. Esteve no concerto do Lyrico e no Gymnasio e só chegou a ver *Os ovos de ouro*.

E' aqui que o Sr. Militão tem um papel do seu genero, o excentrico. E' moço de aptidão, como disse em outra parte, e com estudo e a vontade que tem, não ficará estranho aos segredos da arte. Caminando pouco a pouco é que eu o quero ver: custe a dar o passo embora, mas veja que o terreno está solidio. As vocações que se educam assim são mais maduras e mais ignas. Os saltos mortais no tablado são perigosos, e quasi sempre fazem quebrar a cabeça e o futuro. São muito raras as reputações da vespera, e só se dão em uma certa ordem de tendencias.

O Sr. Militão sempre me achará prompto para observar-lhe os defeitos, assim como aplaudir-lhe as bellezas; é esta a critica que se exerce com os germens legitimos, com as tendencias reaes.

Caminhe assim que caminha bem.

Houve em S. Pedro um drama em cinco actos, *Simão ou o velho cabo de esquadra*. Simão é um dos papeis do Sr. João Caetano, que o montou ha pouco tempo tirando grandes enchentes e grandes aplausos. Todos conhecem o entrecho daquella composição, não me cansará em repeti-lo aqui.

O Sr. João Caetano esteve eminentemente nos ultimos quatro actos. No primeiro notei-lhe maneiras e gestos menos rudes para um soldado; quereria mais exactidão na pintura da individualidade; e um cabo de esquadra ainda que tivesse saído de um salão, sempre é um soldado; o campo de batalha transforma o individuo.

Todavia o artista remontou-se no segundo acto. Aqui o contraste é de um bello efecto. A alegria, e a chusma do campo de batalha tornou-se em abatimento e tristeza. O mudo é perfeito; ha expressões, enoções bem desenhadas; e a phrase accional é precisa, simples e eloquente.

O Sr. Barbosa continua nas suas exagerações; toma gestos e inflexões de voz hyperbolicos, alonga as palavras, carregando sobre elles, tortura a lingua, a arte, e a paciencia dos pensadores que lá vão.

A Sra. Adelaide disse o seu papel com sentimento e intelligencia. E' uma artista de merecimento que eu desejara ver em papeis mais largos como em outro tempo.

Agora uma pergunta.

Todos conhecem o *Asno sempre é asno*. Ora, em que paiz e em que época, um paiz usa de calção, cabelheira de rabicho, e chapéu a tres panadas, ao passo que o filho traja com um garbo de lion, fraque moderno, e botina francesa? ao passo que um velho mestre de escola de oculos verdes apresenta o caracteristico mais hybrid, mais bastardo, mais surta-cor deste mundo?

Desejara a solução deste enigma.

Ao Sr. Martinho, artista de *tro* *comico* bem pronunciado acontece uma cousa. E' sempre o mesmo; o mesmo semblante toma diversas formas; de maneira que o actor não entra na individualidade que representa mas esta é que se encarna no actor. E' uma grande qualidade a do caraterisco, e na expressão do povo meio caminho andado.

E porque conheço o seu merecimento que lhe faço esta observação. Só se lava a terra productiva; nas esteris deixa-se crescer o matto.

E com isto, demos fim à revista. Deve estrear no Gymnasio hoje, (22) a Sra. Isabel Maria Cândida, artista recentemente chegada do Rio Grande. A hora em que me lerem esses lindos olhos, leitora, já ella terá dado o seu primeiro passo no tablado fluminense.

E assim que o Gymnasio desempenha-a sua alta missão de aperfeiçoamento artístico.

Até domingo.

M.-as.

Sonhos.

Ob! si elle m'eut aimé...
A. de Vigny.

Se ella soubesse por que tremo às vezes
Como um juncos nas bordas de um regato;
E áquelle olhar de uma voadora ardente
Fecho os meus pobres olhos de insensato.

Se ella soubesse por que a mão convulsa
Sinto ao pousar em um edeus na sua;
E por que na riso de amargura e tédio
Pousa-me no color da face nua;

Quem sabe, se piedosa, no silêncio,
Em oração, à noite, me lembrara;
E por mim em seu extase querido
Tuna furtiva lagrima soltara!

Quem sabe, se amorosa, pensativa,
Amadornada em langa dos desejos,
Vivia compulsar-me o livro d'alma,
E minha fronte baptisar de beijos...

E saberia então que de soluções
Os labios me entreabrem de paixão;
Que de prantos resvalam de meus olhos,
Com o orvalho de minha solidão!

Viveria que este fogo de meus versos
É a febre de amor de meus suspiros;
Orde me vai a flor da mocidade
Como flor que enlanguece nos rebulos.

Mas... são sonhos, meu Deus! estes tormentos
Irão comigo resvalar na cova;
E serão o crisol de meu espírito
Quando passar a uma existência nova.

Sonhos de inseusates! delírio apenas!
Cresceu em alta rocha a flor querida;
Verme rasteiro tacteando os ermos
Não beberei naquelle seio—a vida!

Passarei como sombra ante os seus olhos,
Frios, sem eco—soarão meus cantos;
E aquelles olhos que eu amei, calado
Não me hão de as cinzas orvalhar com prantos!

E nos silencios de uma noite limpida,
Sobre a campa que me ha de emfim cobrir,
Da flor daquelles labios—uma resa
Como um perfume não virá cahir!

Devanear eterno! o amor de louco
Hei-de fechá-lo na mudez do peito...
Vem tu, apenas, languida saudade,
Noiva dos ermos—partilhar meu leito!

Machado de Assis.

Sonhar acordado,

Nas horas do silêncio abandonadas
Em que a terra caminha adormecida,
Eu gosto de rasgar ebrio de amores
As páginas phantasticas da vida.

Que lá por alta noite, suspirando
De perfumado amor entre as neblinas,
Eu gosto de colher teus doces beijos
Nas folhas de teus labios, purpurinas.

E quando no teu seio palpitante
Reclino a pobre fronte desmaiada,
Eu gosto de sentir-te enfraquecida
De amorosos enleios desbotada.

Que se os lindos cabellos que te adornam
Sobre o rosto contemplo desgrehados,
Eu gosto de te ver assim formosa
Nos carinhos de afectos devairados.

E quando a luz da lampada celeste
Augmenta a pallidez do teu semblante,
Eu gosto de te ver embreycida
Nos deliquios de um goso delirante.

Que se as magoas sentidas que m'enlutam
Vão o resto da vida aniquilando,
Eugosto de saber que sempre amante
Por frutas d'et... cuius vivit ali...

Ai, langida mulher! Se no teu rosto
Vejo do céo as coralinas flores,
Eu gosto de pensar que no meu tumulo
Sepultadas serão com meus amores.

Que se as visões que a mente me arrebatam
Não muentem seus effluvios esvaindo,
Eu gosto de cuidar que após da morte
Sobre o teu collo ficarei dormindo.

F. J. Bittencourt da Silva.

Preludios.

Por que em tua face angelica,
Meiga donzella formosa,
A cor purpurea da rosa
Foi gratamente pairar,
Quando outro dia eu em duvida
Junto de ti quasi a medo
Fui de minh'alma um segredo
Em segredo te faltar?

Com sorriso terno e candido,
No seio a fronte pendida,
Dizes não saber, querida,
Porque mudas-te de cor;
Pois en sei: — mimosa, ingenua,
Tu coraste, feiticeira,
Por ser essa a vez primeira
Que ouvias falar d'amor.

Dize agora: se os meus labios
Abrasados de desejos
Aos teus furtarem mil beijos
Hasde corar como então?...
Ai, não respondes; mas, languidos,
Dizem teus olhos bregeiros
Que has-de corar... aos primeiros;
Mas aos segundos — já não...

Setembro de 1859.

J. Dantas de Sousa.

A um poeta,

Away! away!

Mazepa.

O viajor perdido ao declinar do dia
Dirige ao céo sereno o seu olhar afflito.
Mas a coragem volta e novas forças cria
Se voz amiga ao longe responder-lhe: ao grito.

Nós que somos irmãos na luta e no cansaco
Nós que ao mesmo calvario a mesma cruz levamos
Depois do aperto amigo e do fraterno abraço
(em novo ardor e vida nos dizemos — valhos)

Mova-se o passo assunto no abrasar da areá,
A vista esperançosa alcance a fonte amada,
E o braço juvenil na escuridão tactea
Por entre as silvas bravas o signal da estrada.

Caminhar! caminhar! a terra promettida
Por traz dos alcantis talvez nos appareça.
Caminhar, caminhar! sem maldizer da vida,
— O nosso patrimonio existe na cabeça.

1859.

Carimbo d'Abreu.

Chronica elegante.

Em todos os tempos as flores tem merecido serios
cuidados não só das moças como também dos homens,
sobretudo dos poetas que chegam a fazer-lhes versos
e mais versos, e na força do seu entusiasmo a compa-
ral-as até com as suas namoradas.

Um conheço eu, e é meu amigo, que não pode escrever
duas linhas sem ter defronte de si uma jarra com flores.
Não me lembro a que poeta francez acontecia o mesmo.

As flores com efecto são os adornos mais lindos da
terra. Não foi a propósito de uns cravos que já sedeu
uma das mais renhidas guerras?

Não são as flores os presentes mais doces que recebe-
mos quando crianças? não é com elas que procuramos
acompanhar-nos a existencia toda, e ainda depois de
mortas não são elas que nos vem aromatizar a sepultura?
As flores são tão bellas que chegam a contrastar a vida:
— de manhã botão beijado sempre; à tarde — desabro-
chada enlevando com os seus perfumes; à noite pendida,
mas ainda belia, ainda atrahindo uns olhares de virgem
ou guardadas no seu palpitante seio.

Quantas vezes não tem elas servido de meio para a
felicidade de douz entes que se amam? Quantas vezes
não são o interprete dos nossos pensamentos e a expre-
são daquillo que sentimos? Elas tem uma linguagem
propria, que não está ao alcance de todos: e na sua
mudez exprimem ás vezes tanto ou ainda mais do que
grossos volumes e estirados discursos.

As flores são o presente mais precioso do Creador: e
de tanta verdade é isto mesmo entre nos, que já não nos
contentamos com as que tão prodigamente nascem n'este
fertil torrão. O genio do homem tem procurado imita-
as, dando-lhes as mesmas cores, as mesmas formas e
até os mesmos perfumes, como a leitora sahe.

Das flores imitadas, ou antes artificiales, tem Mme.
Flagué uma perfeita colleção d'onde se podem tirar os
mais lindos ramalhetes. Qualquer chapéu de senhora
daquella casa, que já, uma vez disse ser na rua do
Ovidor, sahe primorosamente adornado: ha ali cravos,
rosas, canellias, jasmins, flores de laranjeiras enfim —
tão completo sortimento como será difícil encontrar se
melhor. (O que não sei) isto seja dito entre parenthesis

(é si tambem aquellas tem perfumes). Mas tenham ou não, são lindissimas e merecem que a leitora vá uma noite, em passeio, vel-as.

São essas as flores que Mme. Hagné recebeu da Europa pelo ultimo paquete : não sei tambem si foram algumas d'ellas fabricadas pelo celebre Constantino, que em tal assumpto tem mão de mestre ; mas o que posso affiançar é que gostei d'ellas, e a leitora hade concordar comigo que não sou capaz de gostar de alguma coisa menos boa.

Entre essas flores algumas ha que servirão de lindissimo adorno para os cabellos e para o vestido ; inculcas por que sei que a bella que me está agora lendo, gosta de usar d'esses enfeites que são realmente de um bello effeito.

Não quero com isto dizer que se colloque sobre a cabeça ou o vestido um jardim completo ; isso não, para tudo ha meias medidas : e demais seria ridículo ver uma moça com o rosto todo encoberto por flores e ramagens, ou mal podendo mover-se com o peso que elas fariam presas ao seu vestido, que n'este caso correria algum risco de precisar remendos.

Uma flor graciosamente collocada ao lado da cabeça, ou no alto e meio do corpinho é d'un gosto simples, mas bastante para completar se o *toilette*.

A leitora pense e verá si não tenho razão.

Notícias à mão.

— Quinta feira teve lugar no theatro Lyrico o grande concerto vocal e instrumental, dado em beneficio do celebre artista Paulo Julien.

Joven, de um talento pouco vulgar para a musica, Paulo Julien arrancou entusiasticos aplausos do publico, que maravilhava-se de ouvir-o e de admirar-o.

Na nossa revista dos theatros encontrarão os leitores em resumo o que no theatro Lyrico passou-se nesta noite de tão gratas emoções ; esta segunda notícia não tem por sim mais do que prestar uma nova homenagem ao exímio violinista, tornando, se é possível, ainda mais conhecida a brillante carreira tão nobremente por elle encetada.

Na idade de 7 annos já Paulo Julien tocava no theatro de Marselha, e outras muitas cidades de França por onde viajou.

Na idade de 10 annos entrava para o Conservatorio de Paris, sendo previamente dispensado da idade: discípulo de Alard, obteve alli em poucos meses o primeiro premio. Burne teve depois occasião de ouvir-o e sem hesitar engajou-o para o theatro da Rainha em Londres, onde esteve por occasião da grande exposição.

Oblige os diplomas de membro honorario das filarmónicas de Londres e de Paris.

Pouco depois tendo notícia de que os artistas

eram mui bem recebidos nos Estados Unidos, partiu para esse paiz, onde viajou, desde sua chegada até a morte de Mme. Sontag, em companhia desta celebre cantora que o estimava como seu artista favorito.

Oblige grandes triumphos e ovacões nos Estados Unidos e na Havana, uma das cidades que mais culto prestam á musica, sendo por toda parte considerado como o primeiro que se havia ouvido. Nesta ultima capital, além de uma bella coroa de ouro que recebeu e de outras, teve uma explendida manifestação do apreço que davam ao seu talento. Por occasião de sua partida foi acompanhado por diversas bandas de musica das mais notaveis daquella cidade, uma das quaes fazia tremular uma bandeira, em cujos lados se lia : *A Paulo Julien e Homenagem ao mérito*.

Nos Estados Unidos recebeu os diplomas de membro honorario das sociedades filarmónicas de Philadelphia e Boston e do *Musical Fund* de Nova York.

Eis ali o que de curioso acerca d'este artista temos para oferecer aos nossos leitores. Um amigo nosso ficou de dar-nos a sua biographia para ser publicada n'esta revista.

— Com o numero de hoje distribuimos aos nossos assinantes a linda polka denominada *Fascinante*, composição do Sr. Luiz José Cruvello.

— Rosa Branca ou Jornal de uma costureira é um bello artigo, cuja publicação encetamos hoje e para o qual pedimos a atenção da leitora. Não temos a satisfação de conhecer o seu autor que modestamente assigna se com as iniciais V. C.

— Hoje no theatro de S. Januario repete-se o drama *Os peregrinos bracos*, em que tão bonita parte tomam as Sras. Deolinda e Jesuina. E' de esperar que haja hoje concorrência igual à de domingo passado, que foi numerosa.

— O Sr. Antonio José Fernandes dos Reis dará brevemente à luz um romance de sua composição intitulado *A filha da vizinha*, para o qual recebo assinaturas no escriptorio do *Correio da Tarde*.

O Sr. Fernandes dos Reis é moço de bastante mérito, e estamos certo que esta sua nova publicação muito haverá agrado ao nosso público.

— Acha-se à venda em casa dos Srs. Eduardo e Henrique Laemmert uma bella e completa coleccão de bustos de personagens notáveis da Europa, em todos os ramos da sciencia humana.

Entre essas copias em massa dos grandes vultos, ha algumas dos homens mais celebres dos primeiros séculos.

0 ESPELHO

POLKA FASCINANTE

Por L. J. Crumell

Andarkino.

Introdução.

Introdução.

Anuakino.

A handwritten musical score for piano, featuring two staves. The top staff uses a treble clef and a key signature of one sharp (F#). The bottom staff uses a bass clef and a key signature of one sharp (F#). Measure 1 starts with a dynamic of *all.* The music consists of eighth-note patterns and sixteenth-note chords. Measure 2 begins with a forte dynamic. Measure 3 features a section labeled *Fan*, indicated by a hand-drawn fan symbol above the notes. Measures 4 through 7 continue the eighth-note and sixteenth-note patterns established in the first measure.

Continuation of the handwritten musical score for piano, page 52. The score consists of two staves. The top staff continues the eighth-note and sixteenth-note patterns from the previous section. The bottom staff begins with a dynamic of *f*. Measure 8 ends with a forte dynamic. Measure 9 concludes with a dynamic of *b.c.* (bassoon coda). Measure 10 ends with a dynamic of *L.A.M.* (leggiero animato maestoso).